

Estudantes buscam na internacionalização **novas oportunidades de ensino**

Viajar para outro país é o desejo de muitos estudantes.

Entretanto, trancar o curso de graduação nem sempre é uma decisão fácil. Ainda mais se for Medicina. A sensação de pertencimento à turma, as dúvidas sobre como é viver sozinho num país

desconhecido, o idioma e até mesmo a similaridade ou não entre os currículos podem ser barreiras que mexem com os nervos de qualquer um.

Entretanto, viver a língua, a cultura e os valores de uma sociedade diferente extrapola o ambiente acadêmico.

“Para o estudante elaborar um pensamento crítico, ele precisa conhecer duas realidades e interagir com vários mentores. Ir para outro país, coloca-o numa condição de receptividade muito grande. Quem tem essa experiência relata um salto na maneira de pensar que vai impregnar a vida profissional, científica e crítica como cidadão”, explica o médico Rodrigo Bueno de Oliveira, atual coordenador do Escritório de Internacionalização da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e professor da disciplina de nefrologia.

Desde o final de 2012, a FCM tem recebido a visita de diversas delegações de

Universidades estrangeiras em busca de parcerias nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Devido a essa forte demanda, em fevereiro de 2013, foi criado o Escritório de Internacionalização (EI). De acordo com Rodrigo, um dos principais objetivos do EI é criar uma estrutura de internacionalização perene que agregue valor à FCM.

“Para os próximos dois anos as metas são ter uma rede fixa de Universidades estrangeiras que receba nossos alunos; flexibilizar o currículo da graduação de maneira a permitir estágios eletivos no exterior com a validação de créditos obtidos no exterior; criar produtos de ensino interessantes para receber alunos estrangeiros, e proporcionar todo tipo de informação e assessoria que facilite os trâmites burocráticos para quem deseja ir para o exterior ou vir para a FCM”, pontua Rodrigo.

Algumas oportunidades são oferecidas pela Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais (Vreri) da Unicamp por meio de editais e programas federais como o Ciência Sem Fronteiras. Desde 2013, dezenas de alunos de Medicina correram atrás das oportunidades para fazer estágio ou cursos no exterior.

Ana Beatriz Onofre Chen estava no quinto ano e havia começado o internato quando decidiu ir para a *Charité Universitätsmedizin*, em Berlim, na Alemanha. Ela sempre quis estudar fora, mas nunca pensou em largar a turma. “A decisão foi difícil, mas depois foi ótimo. Lá na Alemanha eu fiz o ciclo clínico, no hospital. Tive contato com novas técnicas,

melhorei o alemão, fiz medicina nuclear e cirurgia cardíaca, partes que não tinha contato aqui”, revela.

Camila Ayumi Amano Cavallari ficou um ano na *University of Roehampton*, em Londres, Inglaterra. Antes de tomar a decisão de ir para o intercâmbio, ela pensou bastante. Foi a frase de uma amiga que a ajudou na decisão: “Daqui há 15 anos você vai se perguntar se viveu um ano em Londres ou se você se formou um ano depois” - ela me disse. “Esse um ano fora foi importante para desacelerar um pouco e ver como eu gostava daqui”, diz.

Quando começaram a sair os editais do programa Ciência Sem Fronteiras, Victor San Martin Carvalho Correa ficou receoso. Ao conversar com os alunos que voltaram do primeiro edital, percebeu como havia sido bom e produtivo para eles. “Fiquei na

Glasgow Caledonian University, Escócia, Reino Unido. Consegui participar de um curso de optometria – especialização que pretendo seguir –, fiz pesquisa e estágio em Londres. O planejamento é fundamental para você aproveitar ao máximo o período que ficar no exterior”, explica.

Caroline Trindade Cardoso ficou um ano na *Université de Caen Basse-Normandie*, na França. Ela disse que foi interessante fazer o quinto ano do jeito que os franceses fazem. Ela pôde viver a rotina do hospital de lá e fazer uma comparação entre a medicina daqui – tanto no sentido de educação quanto de como os médicos trabalham. “A parte mais difícil foi o idioma. No centro cirúrgico, com a máscara, é difícil compreender. Lá eles não são paternalistas. Se você não perguntar, ninguém vai te falar”, comenta.

Filipe Modesto sempre quis morar nos Estados Unidos. Ao ver um dos editais da Vrerri da Unicamp resolveu se candidatar para uma bolsa de estudos em Fonoaudiologia no *Ithaca College*. A oportunidade era imperdível.



“Estar numa cultura bastante diferente da brasileira me deu a oportunidade de conhecer outra perspectiva de linguagem, onde as relações interpessoais são mais restritas, objetivas; e pela minha cultura de origem, diria até menos afetiva de certa maneira”, pondera Filipe que ficou de julho de 2014 a agosto de 2015 no extremo Norte do Estado de Nova York.

Em 2015, os estudantes estrangeiros Yelitza Andrea Ramirez Celis, da Universidade de Bucaramanga, Colômbia; Lisa R. Nagy, da Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos; Philippe Mantovani, da Universidade de Bonn, Alemanha; Estefania Galeano Piedrahita, da Universidade CES, Colômbia; Fraser Buchanan, da Universidade de Aberdeen, Escócia e Cristina Maria Thaller, da Universidade Maximilians Ludwig, Alemanha ficaram dois meses na FCM pelo Programa de Intercâmbio Estudantil em Medicina. O programa é coordenado pela Comissão de Graduação em Medicina da FCM.

“Recebemos alunos estrangeiros durante todo o ano, em pequeno número, baseado num esforço de muitas pessoas. Mas queremos aprimorar isso e criar uma estrutura para acolhimento autossustentável. Todo semestre pretendemos oferecer um módulo em inglês que permita a vinda de alunos do exterior para a Unicamp. As experiências em internacionalização bem-sucedidas mostram que é preciso um tempo para se desenvolver uma estrutura perene”, reforça Rodrigo. 🏠